

PESQUISA EM ENFERMAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA: AUTORRELATO SOBRE O DEVAGAR-DEPRESSA DOS TEMPOS

Data de aceite: 02/11/2024

Helena Maria Scherlowski Leal David

A ESCRITA DE SI

*O melhor o tempo
esconde*

Longe muito longe

Mas bem dentro aqui

(Caetano Veloso –
Trilhos Urbanos)

Este texto, desde o convite inicial para participar da construção do livro, só conseguiu ser por mim pensado sob o formato algum tipo de escritura ou narrativa pessoal. Isso porque parto do pressuposto de que a vivência da atual situação que nos impôs bruscas mudanças no processo de produzir pesquisa tem sido mediada por vários fatores, e aqueles que dizem respeito à nossa individuação, ao nosso ser-no-mundo individual tem um peso bastante expressivo.

A escolha desta forma de escrita é, no meu caso, inédita, já que não

costumo exercitar este tipo de registro de pensamentos, ideias, memórias por meio de narrativa na primeira pessoa. Meus escritos são marcados pela decodificação impessoal dos dados e resultados de pesquisa, reflexões e leituras em texto científico, para comunicar e dialogar, para expor ao crivo da comunidade acadêmica aquilo que produzo no meu cotidiano como pesquisadora na área da enfermagem.

Além de não ser um formato do meu domínio habitual (portanto algo um tanto difícil e mesmo incômodo), partiu também de um desejo, uma vontade de talvez produzir as trocas interpessoais e coletivas que me foram negadas ou dificultadas em função das mudanças na dinâmica da vida em meio à pandemia por Covid-19, desde março deste ano de 2020. Falar, verbalizar (como bem sabem os que me conhecem), não é nada difícil ou sofrido para mim, é algo que gosto de fazer (mesmo que o monólogo interno onipresente no meu pensamento, apesado que só, tente sempre se adiantar à escuta real).

Só que a escrita de si, não produz diálogo. É outro gênero literário, de meio e mensagem. É outro interlocutor que se busca. Quem?

O relato de si compõe um tipo de escrita que pode ser considerado parte dos chamados gêneros literários confessionais, também conhecidos por outros nomes: memórias, diários, escrita íntima, dentre outros, e cuja característica é a de “*objetivar o eu que fala*”^(1:12). Pode haver também alguma intenção, mais ou menos consciente, de ordenar o caos do próprio pensamento em relação a alguma organização ou estabilidade externa desejável, uma aspiração de organização e apaziguamento da alma, um (re)encontro com alguma ordem universal, como nas memórias sobre a própria conversão produzidas por Santo Agostinho.

A valorização da escrita de si como um adestramento essencial no processo de autoconhecimento e aprofundamento do pensamento já era valorizada entre os filósofos gregos. Foucault aponta que pode ser uma forma de amenizar os efeitos da solidão, da necessária solidão dos que se entregam à vida reflexiva:

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos, pois, propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário^(2:1).

Ao longo deste quase um ano de isolamento social, este autorrelato renuncia, desde sua origem, a qualquer ideia de reencontro com alguma ordem universal externa. Não vejo ordem no mundo, não pelo menos neste mundo que está imediatamente visível do lado de fora da minha porta, que espio pelo noticiário, que busco imaginar a partir de mensagens de ex-alunos e colegas que atuam nos serviços de saúde, exaustos e perplexos, lutando bravamente para ajudar pessoas a respirar – literalmente.

Esta escrita de mim, como pesquisadora, é a escrita também de alguém que descobriu medos inéditos, até mesmo fantasiosos: de ser chamada a trabalhar compulsoriamente em hospitais, de perder pessoas queridas, de não ter um horizonte de certeza de nada pela frente. De controlar menos e menos o próprio destino. A morte já não é uma possibilidade tão distante para ninguém, e preciso fazer um esforço diário de ordenar-me internamente, de vivenciar cada dia sem grandes planos pela frente. Mas há alegrias, muitas também inéditas, e não pretendo deixar de colocá-las no lugar de importância que têm.

É, portanto, com este texto marcado pela incerteza, com a mente tateando para buscar palavras que sejam capazes de objetivar um eu que nem eu mesma conheço totalmente, num cenário de vida inusitado, que procurei trazer a vivência do fazer da pesquisa durante uma quarentena que, se não é eterna (certamente não será), não parece, neste exato momento, ser provisória a ponto de nos permitir um simples retorno à vida como conhecíamos.

O VIRTUAL COMO CAMPO EMPÍRICO E O DEVAGAR-DEPRESSA DOS TEMPOS

A chegada da Covid-19, que era uma possibilidade que sabíamos racionalmente que iria se concretizar desde o início do ano, tem para mim um evento-marco, um momento exato em que tomei consciência do que poderia acontecer. Trata-se de um áudio de WhatsApp que circulou na primeira quinzena de março, no qual um médico brasileiro relata uma reunião clínica na qual foram mostradas e discutidas imagens e condições de evolução rápida para casos graves em outros países, da imensa demanda de leitos que se estava prevendo, e do colapso do sistema de saúde italiano que já estava acontecendo. O áudio termina com uma previsão preocupante e otimista, e – hoje sabemos – equivocada: seria um evento sanitário de grandes proporções, mas em quatro meses estaria controlado, e em 2021, o novo coronavírus seria apenas mais um vírus sazonal e de baixo impacto.

Nestes mesmos dias, as notícias sobre a situação na Itália nos chegaram, e me impressionou muitíssimo o relato de que pessoas estavam morrendo em casa, sem tempo de chegar aos serviços, com o atendimento funerário sem dar conta de recolher os corpos nas casas, pelo que algumas famílias tiveram de conviver com seus mortos por até uma semana. Numa destas noites de março, eu sonhei o que provavelmente é fruto de alguma memória infantil primitiva, de terror e medo, no qual uma espécie de animal escuro me mordida, não soltava, e eu gritava em pânico por minha mãe e meu pai. Meu marido disse que acordou comigo gritando por meu pai durante o sono.

Decorrido algum tempo, e já com a pandemia se estendendo pela cidade e pelo país, minha racionalidade retomou rumo. De início, eu pensava que seria possível algo como uma quarentena imediata e total, que todos iriam seguir para se proteger. A profunda desigualdade e injustiça social que marca a sociedade brasileira veio à tona, como um bueiro que explode em dejetos, e mostra o verdadeiro conteúdo por debaixo da cidade aparentemente limpa. Como todo e qualquer processo endêmico-epidêmico, a pandemia por Covid-19 iria afetar todos, mas de maneira desigual, e com chances de adoecer e morrer também desiguais. E este é o cerne que sustenta muito do meu fazer de pesquisa: as injustas condições de produção e reprodução da vida, que determinam processos de adoecer e morrer desigualmente distribuídos na população, e que não podem ser explicadas por meio apenas da análise de um “retrato” pontual das situações, senão que precisa incluir, necessariamente uma perspectiva ético-política e histórica⁽⁹⁾.

Me veio logo de imediato o desejo de contribuir de alguma forma na produção de conhecimentos sobre o desconhecido que estávamos a viver. Rapidamente, grupos de pesquisa foram se estruturando, e passei a compor alguns, e, ao mesmo tempo, desenhei estudos para ampliar a compreensão a respeito das formas de enfrentamento pelos trabalhadores de saúde e enfermagem.

A pesquisa na área de saúde e enfermagem que tem como objetivo produzir conhecimento sobre os modos desiguais de viver, adoecer e morrer exige do pesquisador

criatividade, compromisso e clareza sobre onde e como buscar os dados para a produção de resultados, e também intuição para a observação de aspectos não imediatamente visíveis ou objetivos. Como dito, é uma pesquisa que também é denúncia, que não se pretende neutra, que toma partido e posição em favor dos grupos vulneráveis – não porque *são vulneráveis*, mas porque *foram vulnerabilizados* pelos processos de determinação social e biológica das doenças.

Dentro da categoria da enfermagem brasileira passou a ficar bastante claro o quanto os modos de viver e adoecer no trabalho se produzem de forma desigual. A imensa massa de trabalhadores técnicos de enfermagem, na grande maioria mulheres, pretas e pobres, foi a categoria que, em números absolutos, mais adoeceu e morreu por Covid-19 no Brasil.

Outra questão que logo chamou minha atenção como foco de pesquisa foi a invisibilidade do nível de atenção da Atenção Primária de Saúde (APS), que passou a ser subsidiária do sistema de urgência e emergências e para o encaminhamento de casos para internações, quando deveria se constituir em porta de entrada e de organização da rede, com oferta de testagem, educação em saúde e encaminhamentos, de acordo com a necessidade das pessoas⁽⁴⁾.

Na cidade do Rio de Janeiro, foi justamente no período em que a pandemia estava se expandindo que foram demitidos profissionais da APS vinculados às Organizações Sociais, ao mesmo tempo em que denúncias de malversação de gastos públicos ecoaram na cidade e no Estado, impondo a usual dança das cadeiras na política partidária e na gestão. Todo o acúmulo de décadas que tivemos a respeito do controle de doenças infecciosas e transmissíveis, de como ordenar e coordenar ações entre os níveis de atenção e dar respostas à população se reduziu a leitos de hospitais de campanha, montados às pressas, desmontados quando todos acharam que havia o controle da situação, e remontados novamente às pressas diante do recrudescimento no número de casos e mortes, já perto do final do ano.

Um aspecto a destacar sobre os modos de fazer pesquisa é sobre a retirada forçada do cenário empírico, que se transformou em verdadeiro “campo minado”. Logo soubemos que os serviços de saúde se tornariam um lócus ameaçador, pela provável concentração de casos graves. Pesquisadores que compõem algum grupo de risco, como eu, pela idade, precisaram buscar alternativas, começando pelos questionários pela internet, que passaram a saturar os serviços de saúde, e estão a exigir que se criem outros espaços virtuais para a obtenção de dados. Também foi oportunidade de voltar às leituras e estudos que nem sempre temos tempo de fazer, dado o volume de tarefas acadêmicas usualmente assumidas nas universidades.

A ida a campo para coleta de dados, na atual fase em que me encontro como pesquisadora, conta com o apoio dos alunos, mestrandos, doutorandos, mas implica em alguma proximidade com profissionais, poder desenvolver entrevistas individuais, e manter uma agenda de reuniões presenciais do grupo de pesquisa, reuniões estas fundamentais

para a troca, o exame coletivo dos dados, a produção a muitas vozes. Ainda que as reuniões do grupo tenham se produzido por meio de plataformas na internet, a mediação da virtualidade deslocou o fazer de pesquisa, que de alguma forma não é mais o mesmo, nem está no mesmo lugar.

Deslocada, estou na terceira margem do rio, não por vontade própria e não explicada, como o pai do conto de Guimarães Rosa – fui, como todos, colocada em uma canoa que parece cujo destino parece ser um eterno navegar *no devagar depressa dos tempos*⁽⁵⁾. Há âncoras, aqui e ali na dimensão corporificada do tempo – datas de defesa, calendário de aulas, prazos a cumprir, ainda preciso organizar minha agenda. Mas são âncoras logo levantadas. As tarefas, uma vez cumpridas, me fazem retornar ao não lugar de um tempo impreciso, e me faz lembrar que estamos navegando em um rio sem margens visíveis, e nem mesmo terra firme há onde pisar.

O FOCO E A DISPERSÃO – E PORQUE UM PRECISA DO OUTRO

Percebo que se produziu um borramento da demarcação do tempo destinado à prática da pesquisa, desde o estudo e leitura, passando pela organização e reflexão sobre dados e resultados, até a escrita de produtos para comunicar os grãos de areia do conhecimento produzidos. Não apenas os contornos do tempo e da ação da pesquisa estão diluídos, como se misturam aos fazeres da vida cotidiana. Não que antes eu tivesse um calendário fixo e sequencial de atividades, mas a minha capacidade de planejar minha vida encurtou consideravelmente seu horizonte temporal (nem menciono o espacial). Se, antes, podia estabelecer uma antecipação razoavelmente precisa a respeito de uma semana ou de um mês de trabalho, agora, com frequência, me limito a estabelecer nortes para apenas o dia que começa, e que passou a incluir a reprodução da vida cotidiana.

Escrevo isso com a plena consciência de ser mulher privilegiada pela posição profissional e social, o que me permitiu durante este tempo todo usufruir do conforto e dos recursos do lar, do diálogo e afeto do companheiro, do contato com filhos e netos (estes, muito raramente, nos momentos em que alguma segurança parecia querer ganhar raízes). Mesmo com todas estas formas de amenizar a angústia, há solidão (creio que todos nós nos sentimos solidão, de alguma forma). O modo como cada um, pessoalmente, foi capaz de organizar sua vida e seus fazeres parece depender destes fatores de apoio social e estrutura financeira, mas também da renúncia à uma ideia de futuro próximo.

Os atravessamentos no nosso pensamento e na capacidade de mergulhar de modo mais focado no estudo ou escrita, ou em algum debate ou diálogo de reunião virtual são muitos, e alguns dão um toque de leveza a estes tempos de tanta preocupação, pela comicidade das situações inéditas e inesperadas: a gata que quer se mostrar na tela do computador durante uma reunião, o áudio do neto entusiasmadíssimo com suas novas habilidades no manejo da higiene pessoal, a entrega de alimentos e insumos para a casa,

que no início, pela pouca familiaridade de compradores e entregadores, causava confusões entre o pedido de uma unidade e um quilograma, interpretado e entregue na forma de um único tomate, ou uma única batata, devidamente embalados.

Pensando em leveza, não posso deixar de trazer breve (e desestruturada) reflexão sobre a dialética dispersão-foco do pensamento na produção da pesquisa, algo que percorre meus dias. Estou neste momento justamente refletindo sobre isso, e assistindo minha gata na sua prática de *parkour* pela casa, emitindo um som que interpreto como um trinado de alegria e excitação – pelo simples fato de estar viva (e por precisar gastar a energia explosiva dos felinos para em seguida praticar a arte de aquietar-se e dormir boa parte do dia).

Lendo há uns dias uma resenha literária sobre lançamentos recentes em língua inglesa, há justamente um recém-publicado livro intitulado *Feline philosophy: cats and the meaning of life*,¹ do filósofo britânico John Gray, cuja obra discorre sobre temáticas, como a racionalidade humana, grandes dilemas filosóficos, temas contemporâneos e história da filosofia. E gatos.

Desconheço a produção e o pensamento do autor, mas o título desta obra me chamou a atenção, e lendo uma matéria no jornal A Folha de São Paulo⁽⁶⁾ por ocasião de uma visita sua ao Brasil, me deparei com este trecho comentando um outro livro anterior:

Como afirma em seu “The Silence of Animals”, para Gray a obsessão humana por sua superioridade entre os seres vivos mostra nossa incapacidade de ver que o silêncio dos animais pode ser uma forma elegante de observação. Eles nos contemplam com sabedoria. Se falassem, diriam: “Esses humanos inquietos passarão!”.

Sem adentrar no miolo de uma discussão epistemológica mais rigorosa, fiquei pensando que o simples fato de atribuir “elegância na observação” aos animais já é, por si, uma forma de classificar estes seres a partir de atributos humanos, o que eu considero um grande erro – para mim, gatos são gatos, e são tanto mais felizes quanto mais os reconhecemos unicamente como gatos, sem lhes conferir atributos místicos ou sentimentos comparáveis aos nossos. O que não significa que não é possível haver uma relação capaz de despertar afetos alegres mútuos. De alguma forma, os animais com os quais convivemos no lar, nos ensinam coisas, e nos despertam sentimentos felizes (e também tristeza quando se vão).

Voltando à minha apreciação da capacidade felina de atravessar os dias num eterno *looping* de acordar-correr-caçar-comer-fazer a higiene-dormir, não que isso fosse desconhecido para mim, mas a convivência forçada dentro de casa me obrigou a observar melhor o modo como minha gata vive seu tempo de vida. E passei também a observar-me como observadora da vida ao meu redor, no limitado espaço da casa, e em um contexto de incertezas de diversas ordens. Cheguei à conclusão provisória de que o isolamento social forçado tornou mais evidente a relação entre a forma como ocorrem alguns fenômenos

1. Em tradução livre: Os gatos e o significado da vida.

mentais meus – observação, intuição, imaginação – e a produção de perguntas ou formulações parciais para análise no âmbito da pesquisa. Pelo visto, minha gata tem sido um excelente catalisador, além de uma (quase sempre) boa companhia. Explico.

Percebo que há continuidade entre um tipo de atenção dispersa que se produz o tempo todo: apreciar a gata, realizar as pequenas ações cotidianas, perceber ao fundo o canto diário do sabiá que frequenta alguma árvore próxima, e o exercício focalizado do estudo, da leitura de projetos, da análise de dados de pesquisa. O pensamento não tem um local ou momento exato para acontecer, e há deriva entre o simples viver do momento presente (como os gatos fazem) e o foco do pensar de forma metódica exigido pela pesquisa.

Novamente, não se trata de algo que não ocorresse antes. Mas as capturas da mente ganharam outros contornos e peso. Há a constante preocupação diante do quadro sanitário, sentimentos de solidariedade e dor compartilhada diante das perdas, convivendo com um eventual despertar banhado pela alegria de estar vivo, a possibilidade de observar o céu, sentir um pouco do sol pela janela, e ter esperança – pela certeza da impermanência do que quer que exista.

ALGUMAS PALAVRAS PARA ENCERRAR...

Sendo pesquisadora sobre temas relativos ao trabalho de saúde e enfermagem, e à relação entre as conjunturas mais amplas que impõe modificações no conteúdo e forma deste trabalho, minha aproximação à realidade vivenciada pelos profissionais que estão trabalhando no cuidado direto às pessoas infectadas e doentes tem se dado pela pesquisa, na qual constato que nada ou pouco muda termos de invisibilidade, desvalorização e precarização do trabalho, em especial das categorias socialmente menos valorizadas nos serviços – técnicos de enfermagem, pessoal de limpeza, transporte, rouparia, segurança e outros. Há um fenômeno que me intriga, e ao mesmo tempo me indigna, que é a dissociação cognitiva coletiva da sociedade quando se fala do trabalho de enfermagem: somos heróis/heroínas, chegamos a receber aplausos nas janelas no início da pandemia e nosso trabalho é absolutamente essencial; mas também sofremos agressões, temos sido explorados, estamos exaustos e sobrecarregados e – pior – desacreditados. Este é apenas um desabafo que trago aqui, e que penso que representa um sentimento coletivo na nossa categoria profissional, da qual me sinto parte, ainda que de outra forma.

Encerro aqui este relato-de-mim, no qual busquei tecer algumas relações entre a vivência pessoal das restrições e mudanças durante a pandemia, e o exercício da pesquisa. Fica a certeza de que é preciso ancorar no presente sem perder o horizonte de um futuro de mudança, atentos e fortes sempre que possível.

A mudança, embora não pareça, está a se produzir, o verbo esperar e a poetização da vida ajudam a empurrar a pesada roda da história. Galeaneamente, produzamos utopias que nos obriguem a caminhar em sua direção.

REFERÊNCIAS

1. Prange APL. Da literatura aos blogs: uma passeio pelo território da escrita de si. (2003). Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 129fl. [cited 10 DEc.2020]. Available at https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4084/4084_1.PDF
2. Foucault M. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-60. [cited 19 Dec 2020]. Texto transcrito disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/11/michel-foucault-a-escrita-de-si/>
3. Borhi CMSO, Oliveira RM, Sevalho G. Determinação ou determinantes sociais da saúde: texto e contexto na américa latina. *Trab. educ. saúde* [Internet]. 2018 [cited 20 Dec 2020]; 16 (3): 869-897. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00142>
4. David HMSL, Acioli S, Silva MRFD, Bonetti OP, Passos H. Pandemia, conjunturas de crise e prática profissional: qual o papel da enfermagem diante da Covid-19? *Rev. Gaúcha Enferm* [Internet]. 2021 [cited 17 Dec 2020]; 42: e20200254. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20190254>
5. Rosa JG. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998. 200 p.
6. Pondé LF. Filósofo britânico John Gray ataca 'problemas insolúveis' da era moderna. A Folha de São Paulo, caderno Ilustríssima [Internet] 06 Jul 2015 [cited 20 Dec 2020]. Available from: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1652016-filosofo-britanico-john-gray-ataca-problemas-insolveis-da-era-moderna.shtml>